

Mulheres haitianas, racismo e exclusão digital: Discursos de ódio e apagamento nas redes.

Maxo St Victor y Vera Lucia Martiniak.

Cita:

Maxo St Victor y Vera Lucia Martiniak (Agosto, 2025). *Mulheres haitianas, racismo e exclusão digital: Discursos de ódio e apagamento nas redes*. 9° Colóquio Mulheres e Sociedade. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/maxo.st.victor/27>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pxZC/nkD>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.



MULHERES HAITIANAS, RACISMO E EXCLUSÃO DIGITAL: DISCURSOS DE ÓDIO E APAGAMENTO NAS REDES

ST VICTOR, Maxo¹

 <http://lattes.cnpq.br/2872105903344770>

MARTINIAK, Vera Lucia²

 <http://lattes.cnpq.br/2586663143728140>

RESUMO

Este artigo analisa o impacto do racismo digital sobre as mulheres haitianas, considerando discursos de ódio e exclusão digital. A pesquisa adota a perspectiva do feminismo negro e da interseccionalidade (Crenshaw, 1989; Davis, 2016), além de discutir racismo algorítmico e apagamento digital (Noble, 2018; Benjamin, 2019). A metodologia inclui análise de conteúdo de postagens racistas, estudo de casos midiáticos e levantamento de dados sobre inclusão digital no Haiti. A hipótese sugere que o racismo digital reforça desigualdades e invisibiliza essas mulheres online. Os resultados mostram que, além da violência simbólica, barreiras tecnológicas e estruturais limitam sua presença digital, ampliando a marginalização.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo; Exclusão digital; Apagamento; Discursos de ódio.

CORPO DO TEXTO

O ambiente digital tem sido um espaço de oportunidades, mas também de reprodução de desigualdades. No Haiti, as mulheres enfrentam desafios não apenas no acesso à internet, mas também na sua permanência ativa nas redes sociais, onde o racismo e os discursos de ódio limitam sua visibilidade. Esse fenômeno reflete uma exclusão digital que reforça estruturas históricas de marginalização e silenciamento.

Este artigo tem como objetivo examinar como o racismo digital afeta as mulheres haitianas, tanto na forma de discursos de ódio quanto na exclusão digital. A pergunta norteadora é: de que maneira as mulheres haitianas são afetadas pelo racismo digital, e quais são as consequências desse processo para sua visibilidade e participação nas redes? A hipótese sugere que o racismo digital não apenas reforça desigualdades

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual do Haiti (UEH). Mestre em História, Memória e Patrimônio pela (UEH) e pela Universidade Laval (ULaval). Doutorando em Educação na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: 240302100000@uepg.br

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPG. E-mail: vmartiniak@uepg.br. (Orientadora)



estruturais, mas também contribui para a invisibilização dessas mulheres no ambiente online.

O estudo se baseia no referencial do feminismo negro e da interseccionalidade (Crenshaw, 1989; Davis, 2016), além de dialogar com as discussões sobre racismo algorítmico e exclusão digital (Noble, 2018; Benjamin, 2019). A metodologia inclui análise de conteúdo de postagens racistas em plataformas digitais, estudo de casos midiáticos e levantamento de dados sobre inclusão digital no Haiti.

Com isso, busca-se compreender como o racismo digital opera para marginalizar as mulheres haitianas e quais desafios precisam ser superados para garantir sua participação plena no espaço online.

O racismo digital e a exclusão das mulheres haitianas no ambiente online podem ser compreendidos a partir do feminismo negro e da interseccionalidade, conceitos fundamentais para analisar as múltiplas opressões que incidem sobre elas. O conceito de “Interseccionalidade” que surgiu na década de 1990, “é um conceito e uma abordagem para entender as vidas e experiências de indivíduos e grupos em sua diversidade e complexidade” (HOBBS, RICE, 2018, p. 3).

Crenshaw (1989) introduziu esse conceito para explicar como diferentes formas de discriminação – como racismo e sexismo – se sobrepõem, criando experiências únicas de exclusão. No contexto haitiano, as mulheres enfrentam barreiras estruturais que limitam seu acesso e participação no ambiente digital, refletindo desigualdades históricas e sociais (Davis, 2016).

Além disso, o racismo algorítmico e a exclusão digital são aspectos centrais nesse debate. Noble (2018) argumenta que os algoritmos e sistemas de busca frequentemente reproduzem vieses racistas, tornando grupos marginalizados ainda mais invisíveis no espaço digital. Da mesma forma, Benjamin (2019) destaca como a tecnologia reforça desigualdades estruturais, perpetuando processos de exclusão. No Haiti, onde o acesso à internet já é limitado, essa dinâmica agrava a marginalização das mulheres negras no ambiente virtual.

Outro ponto relevante é o impacto dos discursos de ódio na internet. Matamoros-Fernández (2017) analisa como o racismo online opera por meio de mecanismos que desumanizam e silenciam grupos minorizados, dificultando sua permanência nas redes. Daniels (2018) também discute como as plataformas digitais permitem a circulação de narrativas racistas que reforçam estereótipos e aprofundam a exclusão social.



A partir dessas discussões, este artigo investiga como o racismo digital não apenas marginaliza as mulheres haitianas, mas também restringe suas possibilidades de participação política, social e econômica no ambiente online.

Este estudo adota uma abordagem qualitativa para analisar o impacto do racismo digital nas mulheres haitianas, combinando três estratégias: análise de conteúdo, estudo de casos midiáticos e levantamento de dados secundários. A análise de conteúdo examina postagens e comentários racistas, identificando padrões de exclusão. O estudo de casos investiga episódios de racismo digital, enquanto o levantamento de dados contextualiza as dificuldades de acesso à internet, ligando a exclusão digital às desigualdades estruturais do Haiti.

Essa abordagem permite uma visão ampla do fenômeno, combinando diferentes fontes para compreender os impactos do racismo digital e da exclusão das mulheres haitianas no ambiente online.

A análise revelou que o racismo digital contra mulheres haitianas se manifesta principalmente de duas formas: discursos de ódio e exclusão digital. Nas plataformas online, essas mulheres são alvos frequentes de ataques que combinam racismo e misoginia, reforçando estereótipos negativos e buscando silenciar suas vozes. Comentários ofensivos, assédio virtual e disseminação de desinformação são estratégias comuns utilizadas para deslegitimá-las.

O estudo de casos mostrou que episódios de racismo digital geram diferentes respostas. Algumas mulheres se retiram das redes sociais por medo e exaustão emocional, enquanto outras recorrem a estratégias de enfrentamento, como a exposição dos agressores, a denúncia dos ataques e a mobilização de redes de apoio. Movimentos digitais protagonizados por mulheres haitianas têm se fortalecido, promovendo visibilidade e contestando narrativas racistas. Um exemplo disso são campanhas online que denunciam a invisibilização das mulheres negras haitianas nos espaços digitais e na mídia tradicional.

Os dados sobre inclusão digital evidenciam que as barreiras estruturais do Haiti, como acesso limitado à internet e dificuldades econômicas, agravam a exclusão das mulheres haitianas do ambiente digital. Abreu (2020), que aborda as desigualdades de gênero relacionadas à internet no Haiti com a chegada da COVID-19, afirma que “apenas 7% das meninas e mulheres têm acesso à internet”.



Essa limitação impacta não apenas sua presença nas redes sociais, mas também suas oportunidades de acesso à informação, participação política e inserção no mercado de trabalho. Em 2023, no Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres, Kanem (2023) comenta a violência digital contra as mulheres: “A violência invade seus lares, suas escolas e seus locais de trabalho, e agora assume uma dimensão alarmante em suas vidas digitais”.

Além disso, a análise mostrou que as plataformas digitais perpetuam o racismo. Os algoritmos amplificam discursos de ódio, enquanto as políticas de moderação nem sempre protegem contra ataques racistas. Muitas haitianas enfrentam dificuldades para que suas denúncias sejam levadas a sério, revelando a ineficácia das redes sociais no combate ao racismo.

Os resultados indicam que, embora o racismo digital reforce desigualdades históricas e amplifique os desafios enfrentados pelas mulheres haitianas, as redes sociais também oferecem espaços de resistência. A mobilização coletiva e o ativismo digital têm sido ferramentas essenciais para contestar o apagamento e reivindicar maior representatividade nos ambientes digitais.

D’Almeida (2017, p. 290) destacou também que, por meio de organizações feministas ou de enfermeiras, as mulheres haitianas tiveram que enfrentar vários desafios além do racismo e das discriminações: sexismo, submissão no lar e tarefas subalternas no trabalho.

O Haiti não possui legislação específica que criminalize o estupro, a violência doméstica, o assédio sexual ou qualquer outra forma de violência sofrida pelas mulheres (CANADA: IMMIGRATION AND REFUGEE BOARD OF CANADA, 2016).

Este estudo analisou como o racismo digital afeta as mulheres haitianas, tanto por meio de discursos de ódio quanto pela exclusão digital. Os resultados demonstraram que, além de sofrerem ataques constantes nas redes sociais, essas mulheres enfrentam barreiras estruturais que limitam seu acesso e participação no espaço digital. A falta de inclusão digital agrava sua invisibilização e restringe suas oportunidades de expressão, mobilização e desenvolvimento socioeconômico.

Apesar desses desafios, as mulheres haitianas têm utilizado as plataformas digitais como espaços de resistência, denunciando ataques, promovendo redes de apoio e articulando movimentos para combater o apagamento e a violência online. O



ativismo digital tem se mostrado uma ferramenta fundamental na luta contra o racismo e a misoginia, permitindo a amplificação de suas vozes e reivindicações.

Entretanto, o papel das plataformas digitais na perpetuação dessas desigualdades precisa ser mais amplamente discutido. Os algoritmos e as políticas de moderação das redes sociais muitas vezes falham em conter ataques racistas, contribuindo para a manutenção desse ambiente hostil. Isso reforça a necessidade de medidas mais eficazes para combater a discriminação digital e garantir maior proteção e visibilidade às mulheres haitianas.

Dessa forma, o estudo aponta para a urgência de ações que promovam maior inclusão digital e mecanismos de proteção contra discursos de ódio. A luta contra o racismo digital não deve ser apenas responsabilidade das vítimas, mas também das plataformas, da sociedade civil e das instituições comprometidas com a equidade e a justiça social.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. **Au-delà d'internet: repenser l'avenir d'Haïti grâce à l'économie numérique.** 2020. World Bank. [Text/HTML]. Disponível em: <https://www.banquemondiale.org/fr/news/opinion/2020/12/14/more-than-just-internet-harnessing-the-digital-economy-to-rethink-the-future-in-haiti>. Acesso em: 2 mar. 2025.

BENJAMIN, R. **Race after technology: Abolitionist tools for the new Jim Code.** Cambridge: Polity, 2019.

CANADA: IMMIGRATION AND REFUGEE BOARD OF CANADA. **Haïti : information sur la violence envers les femmes, y compris sur la violence sexuelle; information sur la protection offerte par l'État et les services de soutien (2012-juin 2016).** 2016. Disponível em: <https://webarchive.archive.unhcr.org/20230519085401/https://www.refworld.org/docid/58d53a264.html>. Acesso em: 2 mar. 2025.

CRENSHAW, K. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.



D'ALMEIDA, A. "Sean Mills, A Place in the Sun : Haiti, Haitians, and the Remaking of Quebec, Montréal, McGill-Queen's University Press, 2016, 304 p.", **Bulletin d'histoire politique**, v. 25, n. 3, p. 288–290, 2017. DOI: [10.7202/1039757ar](https://doi.org/10.7202/1039757ar) .

DANIELS, J. The algorithmic rise of the “alt-right”. **Contexts**, v. 17, n. 1, p. 60-65, 2018.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

HOBBS, M., RICE, C. **Gender and Women's Studies, Second Edition: Critical Terrain**. Toronto, Canadian Scholars, 2018.

KANEM, N. **La violence contre les femmes et les filles a envahi tous les espaces, y compris virtuels, et cela doit cesser**. 2023. UNFPA-Haiti. Disponível em: <https://haiti.unfpa.org/fr/news/la-violence-contre-les-femmes-et-les-filles-envahi-tous-les-espaces-y-compris-virtuels-et-cela>. Acesso em: 2 mar. 2025.

MATAMOROS-FERNÁNDEZ, A. Platformed racism: The mediation and circulation of an Australian race-based controversy on Twitter, Facebook and YouTube. **Information, Communication & Society**, v. 20, n. 6, p. 930-946, 2017.

NOBLE, S. **Algorithms of oppression: How search engines reinforce racism**. New York: NYU Press, 2018